



CARIOCA

LEANDRO BASIL





1

A URBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DO CAMINHO DA ÁGUA.



Desembarque de Cabral em Porto Seguro (estudo), óleo s/ tela.
Oscar Pereira da Silva, 1904.

A CHEGADA

Foi em 1º de janeiro do ano de 1502 que um navegante europeu adentrou pela primeira vez a enseada da Baía de Guanabara.

Deparando-se com o exuberante visual das densas matas e dos paredões rochosos cariocas pensou que a baía era, na verdade, um rio que desembocava no mar. A enseada foi nomeada de Rio de Janeiro.

Cerca de um ano depois, em expedição de Gonçalo Coelho ao Rio de Janeiro, alguns de seus tripulantes foram os primeiros a desembarcar no local hoje conhecido como a Praia do Flamengo. Situar-se próximos a foz do rio, hoje conhecido como rio Carioca e construíram a primeira feitoria do Rio de Janeiro.

À esta pequena habitação os tupinambás, habitantes da região, denominaram Carioca. Nome que, em um processo de acomodação cultural, foi dado a este mesmo rio posteriormente.

Vê-se desde este pequenino episódio que a história da cidade do Rio de Janeiro começa marcada pela geografia natural de seus rios, e seus caminhos, determinados pelas fontes naturais de suas águas. E assim vai seguir a ocupação do território da Guanabara.

Aliás, a própria condição de baía foi fundamental para o desembarque do europeu no mar de águas calmas da cidade tupinambá. Sem essa condição primordial a província do Rio de Janeiro nunca chegaria a ter a importância fundamental que teve na história do Brasil.

Em 1530, nova expedição portuguesa ao Rio de Janeiro foi comandada por Martins de Souza, que desembarcou na foz do rio Carioca. Mais uma vez o rio Carioca se tornava um marco de referência no processo de acomodação dos estrangeiros navegantes nas águas do Rio de Janeiro.

E a ocupação da cidade se inicia por dois focos a partir de meados do século XVI, quando da fundação da cidade. Um deles está atrelado a foz do rio Carioca, provavelmente pela presença abundante de água boa e saudável.

E o outro foco de ocupação está mais próximo de onde é hoje o bairro do Castelo e a Praça Mauá. A este foco atribui-se um carácter mais estratégico de segurança, já que naquela época o Rio sofria constantes invasões tanto francesas quanto tupinambás.

Porém, esta área de posição estratégica privilegiada na defesa da cidade contra as invasões, sofria por falta de água e de condições higiênicas de vida e de saúde. Em 1646 o pedreiro André Tavares foi contratado para construir um cano levando as águas

da lagoa de Santo Antônio (atualmente Largo da Carioca) até a Praça XV. O traçado deu origem a rua do Cano, hoje nomeada de rua Sete de Setembro.



Carta ao Rio de Janeiro, 1573. Vivaldo Coaracy.

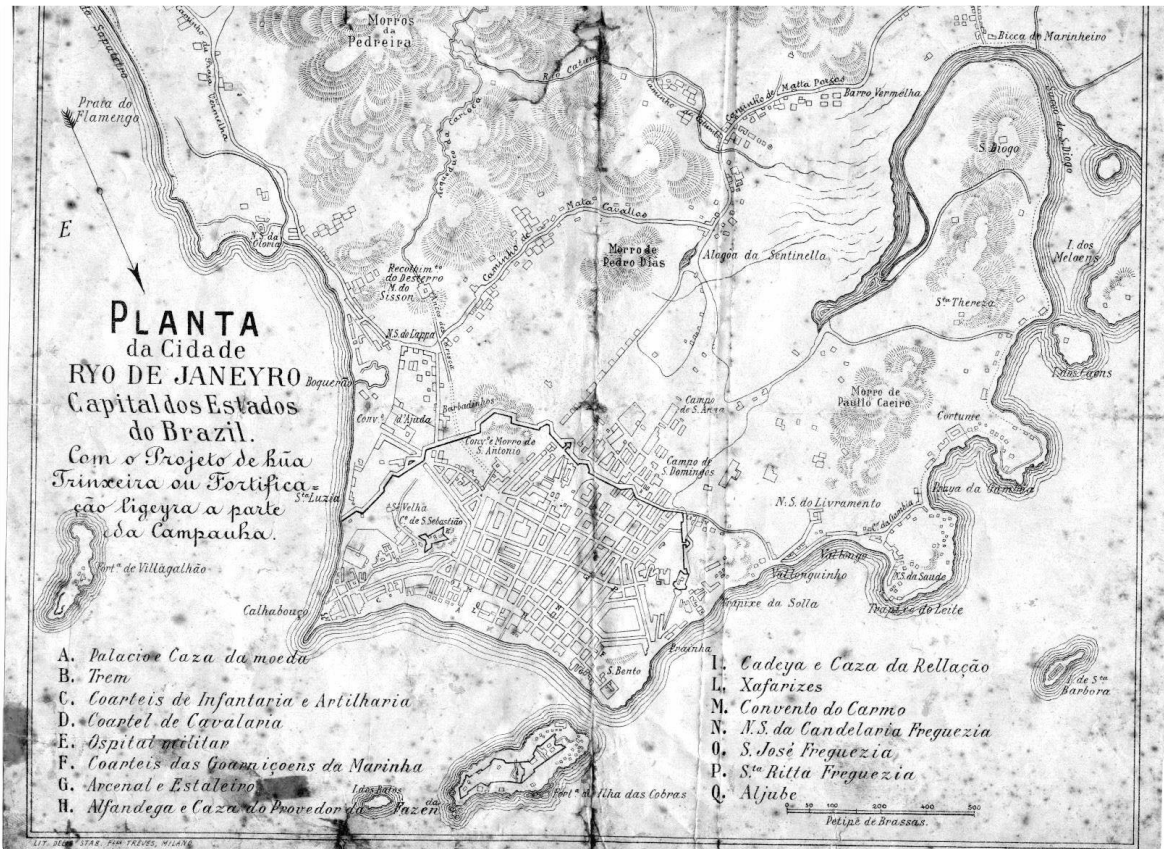
Mas essa medida não foi de todo suficiente para abastecer com água os padres e marinheiros que aportavam, cada vez mais frequentes, na Baía de Guanabara.

Ainda no final do século XVII se iniciaria uma das principais obras de abastecimento do centro da cidade e que seria responsável pelo desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro.



Rio de Janeiro, século XVII.

Galeria 1 - Mapas antigos do Rio de Janeiro.



Mapa do Rio de Janeiro, 1770.



2

O AQUEDUTO DA CARIOCA

A construção de um aqueduto vindo desde a nascente do rio Carioca, passando por cima do morro do Desterro (atual bairro de Santa Tereza) e descendo sobre os Arcos da Lapa, trouxe água até o Largo da Carioca, que na época ainda não tinha esse nome.

O aqueduto ficou pronto em 1723 e trouxe vida e transformação para a geografia da cidade. As lagoas do centro da cidade, lagoa de Santo Antônio (que abrangia o terreno do Largo da Carioca até onde é hoje o teatro municipal) e lagoa do Boqueirão (localizada onde é hoje o Passeio Público) foram aterradas por questões de saúde. A cidade atravessava um surto de gripe e as lagoas que perderam sua função de abastecedoras fluviais se tornaram apenas focos de reprodução de mosquitos.

O rio Carioca ganha destaque e se torna o rio mais importante da cidade. O bairro do Cosme Velho e das Laranjeiras começa a surgir no entorno de suas margens. O morro de Santa Tereza que antes era esconderijo de negros fugidos começa a ser ocupado por casarios nobres. A rua do Lavradio em 1777 passa a ser uma das primeiras do centro a possuir estabelecimentos residenciais. Tudo isso reflexo do abastecimento de água que agora chegava até o centro da cidade.

GALERIA 2.1 Rio Carioca



Largo da Carioca, foto atual.



A cidade continua a crescer no entorno das margens dos rios, ao longo das praias e na beira da Baía de Guanabara. Paisagens da onde o Rio de Janeiro vai tomando suas formas. Podemos destacar algumas ruas como: a Rua das Laranjeiras e a

Rua do Cosme Velho que seguem atualmente o traçado original do Rio Carioca. E outras, como a Praia do Flamengo, de Botafogo e de Copacabana, que seguem o contorno original das praias.

E mesmo ressaltada a importância da água e especialmente do rio Carioca, a medida que cresce a urbanização da cidade, cresce também a poluição e degradação das águas desse mesmo rio. Rio que deu o traçado de ruas e o formato de bairros, que recebeu o nome dado ao gentio nascido nessa terra e do principal

largo comercial do centro da cidade. E que foi aos poucos se escondendo embaixo das ruas, sob o traçado metálico dos trilhos dos bondes. Que foi se transformando em escoadouro para o esgoto e se tornando fétido e poluído.

O rio Carioca hoje não abastece mais a cidade. Ele, aliás, só pode ser visto em poucos locais antes de virar esgoto e correr por uma tubulação subterrânea. Na mãe d'água, no bairro do Silvestre (local onde foi desviado e deu origem ao bairro de Santa Tereza). Passando por dentro da favela do Cerro Corá. No largo do Boticário. E no ponto final do ônibus que sobe o Cosme Velho. Daí em diante ele vira uma tubulação de esgoto que vai desembocar na estação de tratamento da praia do Flamengo onde despeja os dejetos das populações dos bairros das Laranjeiras, Cosme Velho, Flamengo, Largo do Machado e Catete nas águas turvas da Baía de Guanabara.

O trajeto da água é realmente importante na história da vida Carioca. E a população parece não se dar conta disso. Nós somos feitos de água. E nela podemos ver o nosso reflexo.

Mas qual o reflexo que podemos ver em um rio de águas negras? O reflexo de uma civilização desastrada que sempre optou (e ainda opta) pelo desenvolvimento infreável ao invés do respeito a água, fonte de vida para a população. A Baía de Guanabara (do tupy *Iguaá-Mbara*, que quer dizer enseada do rio com o mar) é um reflexo do que somos nós. Fluminenses. Do latim flūmem, que quer dizer rio.

‘ERRO DE PORTUGUÊS’

Segundo historiadores, quando Cristovão Colombo saiu da Espanha com destino à Índia e chegou a América, enganou-se, chamando os filhos destas terras de índios. E o termo ‘índio’ acabou sendo adotado para designar todos os habitantes das Américas.



Dois chefes Tupinambás com os corpos emplumados e ostentando, o da esquerda, tembetá e um ibirapema e o da direita, tembetá, acangarata, enduape e um arco e flechas.



3

CARIOCA

"Cerca de oito dias antes da partida para a guerra, um navio francês tinha surgido a oito milhas dali, em um porto que os portugueses chamam Rio de Janeiro, e, na língua dos selvagens, Iteronne (Niterói)."

Hans Staden (Viagem ao Brasil, 1557, cap.XL).
Verifica-se por aqui que o nome *Iteronne* é simples alteração de *Iteron* ou *Iteró*, que quer dizer "baía, enseada."

Percebemos que a denominação "Fluminense" (nome dado a todo cidadão nascido no estado do Rio de Janeiro) merece também uma atualização visto que, posteriormente à 'descoberta' do Rio de Janeiro, foi observado que o rio, ao qual refere-se o nome da cidade, tratava-se na verdade de uma baía.

Procurando acobertar este erro que deu-se no momento de batismo da cidade, nomearam a então enseada de Baía da Guanabara. O que é um contrasenso já que o termo Guanabara vem do tupy *Iguaá-Mbara* e significa "enseada do rio com o mar."

Vemos que a tradução desses pequenos erros históricos são cruciais para compreender o modo de vida segundo o qual a sociedade moderna vem se desenvolvendo e se re-inventando. O entendimento que se tem dos símbolos é fundamental para decidir as datas comemorativas, os rituais religiosos e as celebrações de um povo. O significado das palavras que se pronuncia são absolutamente fundamentais para a compreensão de mundo do indivíduo que as absorve.

Por isso, num levantamento etimológico, busquei o significado original de termos tupy-guarany que foram incorporados, de maneira singular, no vocabulário brasileiro.



Tentando elucidar paradigmas centrais do modo de ocupação portuguesa e o ritmo de vida que, posteriormente, assumiu a sociedade brasileira, destaco a tradução mítica de nosso título principal: *Carioca*. Nome dado pelos Tupinambás, no início do século XVI, à primeira habitação do homem branco no Rio de Janeiro.

O significado tradicionalmente reconhecido pela língua portuguesa é o que simboliza *Carioca* como uma junção de dois termos. *Cari-* homem branco e *Oca-* casa, sendo *Carioca-* Casa do homem branco.

Mas esse vocábulo interpretado pela visão Guarany tem mais profundidade. É, na verdade, parte de um grande mito que remonta a época das migrações indígenas pelo continente.

Há milênios os grupos tupi caminhavam pela América guiados por seus profetas *Caraí* (ou *Cari*) em busca de *Yv'y Marãe* - a terra sem males - um similar do paraíso na mitologia Guarany.

Percorreram, desde o interior da Amazônia até a costa sul do Brasil um caminho mítico denominado por eles *Tape Aviru* (caminho de grama amassado), que seguia em direção ao Sol Nascente (*Nhandé Rovái*) e era guiado pelas estrelas da Via Láctea.

Quando chegaram a costa brasileira, e viram o mar, os Tupi sabiam que haviam chegado ao paraíso, pois assim contavam as lendas antigas.



Mapa reconstruído do caminho *Tape Aviru* (Peabiru).

Existem, obviamente, diferentes interpretações para este mito. Mas, de um modo geral, o que se leva a crer é que os Tupis acreditavam que o Paraíso ficava atrás do oceano, onde morava o Sol e todos os seus antepassados. E onde só se podia chegar de maneira incorpórea. Através de viagens transcendentes do Espírito.

Quando os Europeus chegaram navegando sobre as águas, vindos de *Nhande Rovái*, os tupinambás, que habitavam o entorno da baía de *Iterõe*, chamaram-os de *Carí*, os xamã-guerreiros, pois achavam que os Deuses tinham chegado à Terra.

A CONFEDERAÇÃO TAMOIO.

No entanto, como podemos ver em quase todos os livros de história, os europeus não enxergaram o povo Tupi da mesma forma que estes os enxergavam. E nem respeitaram o território sagrado Tupi-Guarani da mesma maneira que estes respeitavam.

Aproveitaram a simpatia e toda a reverência do povo tupi para fazerem deles seus escravos. E com toda a força passaram a empreender na América negócios lucrativos, seja ele qual fosse.

Em algumas poucas décadas, já desapontados, os tupinambás passaram a perceber que não eram boas as intenções dos colonizadores, pois não eram bons no trato com a terra e nem respeitavam nem preocupavam-se com a saúde dos nativos.

Foi convocada assim a Confederação dos Tamoios (que quer dizer “o velho, o mais antigo”). Uma reunião de todas as tribos antigas da América com o objetivo de proteger a terra e os povos que dela cuidavam.

A força reunida pela confederação foi tamanha que em pouco tempo a colônia portuguesa se rendeu. Não havia como lutar contra tantos nativos bravos, armados e com profundos conhecimentos da região.

A PAZ DE IPEROIG

O primeiro tratado de paz do Brasil que foi negociado pelos jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta durou muitos anos até que a colônia portuguesa no Brasil estivesse reestabelecida. Assim, munidos de um número maior de homens e de um maior poderio bélico, retomaram a guerra.

Os Tamoios poderiam ter reagido e com sorte teriam conseguido expulsar os colonizadores de seu território não fosse uma traição inesperada. O índio Araribóia, interessado em privilégios prometidos pelos portugueses explanou-lhes os planos de seus conterrâneos Tamoios.

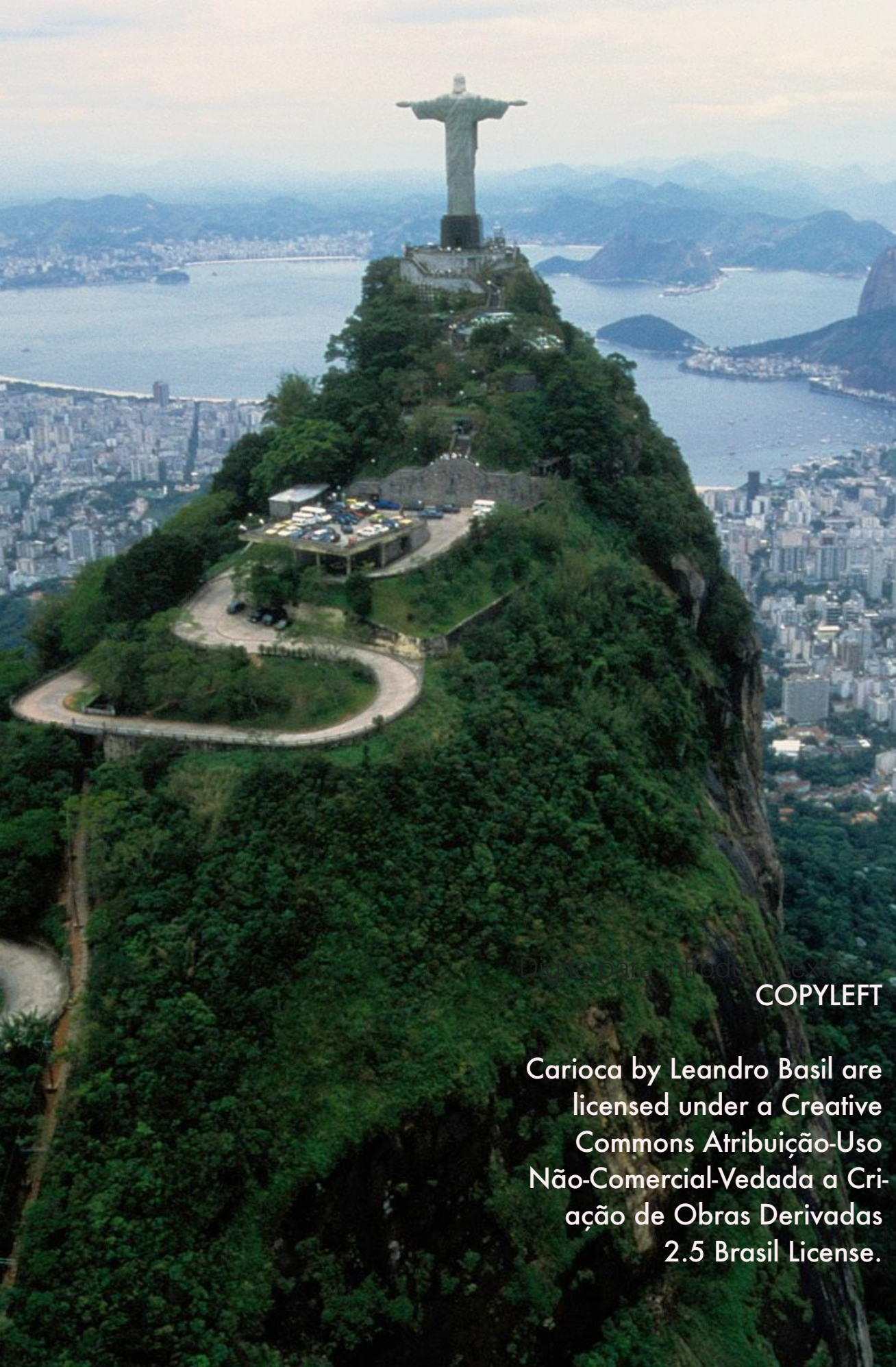
No ano de 1567 foram dizimados os integrantes da Confederação Tamoio e oficialmente fundada a cidade do Rio de Janeiro. Ao índio Araribóia foi dado como presente a região onde fica hoje a cidade de Niterói. O resto é História.



A ESTÁTUA DE CUAUHTEMOC

Durante a Confederação Tamoio, nativos de toda a América percorreram o continente para ajudar os Tupinambás na expulsão dos colonizadores. A estátua de Cuauhtémoc, localizada próxima da foz do Rio Carioca, mostra um guerreiro Maya apontando sua flecha na direção da Baía de Guanabara.

Alguns julgam que sua flecha aponta para outra estátua, a do traidor Araribóia, que está localizada em frente a estação das barcas, em Niterói.



CRISTO REDENTOR - CORCOVADO.

Algumas pessoas dizem erroneamente que o monumento foi um presente da França para o Brasil, quando na verdade a estátua do Cristo Redentor foi erigida a partir de doações de fiéis de arquidioceses e suas paróquias por todo o país, com o projeto de autoria e chefia do engenheiro Heitor da Silva Costa. Da França vieram apenas uma réplica de 4 metros feita de pequenos moldes, assim como modelos das mãos feitas pelo colaborador Landowski.

A obra, que durou 5 anos, foi iniciada no ano de 1926 e concluída em 1931. Famosa por poder ser vista de quase todos os bairros da cidade, na posição em que se encontra, Cristo está eternamente a olhar pro Leste - *Nhandê Rovái*, a Casa do Sol Nascente - assim como os profetas *Caraí*, sempre a caminho de *Yv'y Marãe*.

Deixe para introduzir o texto
COPYLEFT

Carioca by Leandro Basil are
licensed under a Creative
Commons Atribuição-Uso
Não-Comercial-Vedada a Cri-
ação de Obras Derivadas
2.5 Brasil License.

www.editoraecos.com